

# **RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO: COR E SEXO FREQUETAM A ESCOLA? INVESTIGANDO AS INTERSECÇÕES ENTRE COR/”RAÇA” E SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR.**

Autores: Gabrielle da Silva Mesquita

José Alencar Mangia Junior

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo a pesquisa em investigar as intersecções entre cor e sexualidades no ambiente escolar para entender qual o impacto dessas categorias na produção ou não das hierarquias na instituição de ensino na região do Noroeste Fluminense do Rio de Janeiro.

**Palavras Chave – Cor; Sexualidade; Escola; Noroeste Fluminense**

## **1DESENVOLVIMENTO**

Estudos anteriores demonstraram que os marcadores sociais têm impactos significativos na estrutura escolar. Neste sentido, a intenção foi pesquisar nas escolas da região supracitada como tais categorias incidem na convivência escolar de alunos e alunas, percebendo também como as escolas reagem a essas temáticas. Vale ressaltar que a região que houve a pesquisa no Noroeste Fluminense ainda é predominantemente agrícola, de modo que, grande parte do público escolar é oriunda das zonas rurais e com diversas vulnerabilidades econômicas.

Foram desenvolvidas no decorrer da pesquisa atividades como: Mapeamento das escolas do município. Análise dos projetos elaborados nas escolas que contemplem a temática da raça e da sexualidade, palestra efetuada em uma escola estadual sobre a educação sexual, aplicação de questionários a professores da rede municipal no ensino fundamental e entrevista com o responsável pelo departamento de ciências humanas da secretaria municipal de educação.

Durante o período de mapeamento, e nas conversas informais na secretaria de educação do município, verificou-se o baixo índice de projetos e de diálogos na escola que contemplassem a temática da raça e da sexualidade. Foram encontrados dois projetos que tratavam do tema da desigualdade racial: um executado pela educação

infantil do município sendo elaborado pela secretaria municipal de educação, e outro elaborado por uma das escolas municipais para atender ao ensino fundamental.

Analisando os projetos percebe-se que são projetos que contemplam um mês específico, o mês novembro que é comemorado dia da Consciência Negra ou um período de um a dois meses. Dentro desse contexto percebemos o quanto a luta dos negros precisa ser contextualizada não somente em um período escolar, mas, sim deve permear todo o ano letivo. Somos uma pátria construída e formada pela luta e exploração de milhares de negros que aqui desembarcavam em navios negreiros sendo escravizados e expulsos de suas terras e colocados em para desempenharem trabalho escravo nas lavouras, minas , casas, fazendas entre outras funções que a sociedade da época os reservava.

Nas ementas dos dois projetos foram colocadas as contribuições da cultura africana no Brasil seja por meio da dança, instrumentos musicais, culinária, alimentação, palavras de origem africana e grandes ícones negros da história da arte e da cultura africana. Nota-se que na ementa do projeto da igualdade racial desenvolvido pelo ensino fundamental em uma das escolas municipais pesquisadas traz a seguinte inscrição: “Desmistificar o preconceito relativo aos costumes religiosos provindos da cultura africana.” Este objetivo, no entanto só ficou impresso dentro do projeto. Nas inúmeras folhas que pudemos analisar e mediante as fotos do projeto as religiões de matriz africana não foram abordadas.

É notório que essa determinada região do Noroeste Fluminense a maior parte dos habitantes são cristãos e conservadores, e assim como um reflexo do país as religiões afro-brasileiras não são bem vistas por vários segmentos religiosos, o que de certa forma acaba por influenciar práticas dentro das escolas, reforçando muitas vezes até mesmo entre os discentes práticas de preconceito e aversão a essas religiões reforçadas por denominações cristãs.

Existe um grande entrave para a educação ainda nos dias de hoje o quanto a religião dos docentes interfere no ambiente escolar o sonho de uma escola laica ainda está longe de se concretizar ainda encontramos na escolas elementos e práticas religiosas de determinados cultos religiosos, mas, a escola ainda não sabe e muitas vezes não quer dialogar com as diversas manifestações religiosas existentes principalmente em um país tão cheio de pluralidade religiosas como o Brasil.

Em outro ponto o projeto propõem rodas de conversa uma idéia muito boa se for posta em prática, pois é através de provocar no outro situações é que nos leva a pensar a entender situações cotidianas onde muitas vezes o preconceito racial está escondido e não e percebido é uma forma de tirar do anonimato milhares de pessoas que sofrem essa discriminação e dar uma voz as pessoas que freqüentemente são alvo de preconceitos nos diversos segmentos da sociedade.

Destacamos nesses projetos analisados uma confecção de bonecos negros que foi mediada pela escola, nas justificativas da escola foram propostas: “ A presença de bonecos negros é sinal de que a escola reconhece a diversidade da sociedade brasileira.” A escola não precisa reconhecer a diversidade da sociedade porque esta já esta impressa nas características dos indivíduos, a escola precisa debater questionar esse aluno sobre sua forma de enxergar o outro cooperar com o outro. Entendo que a confecção de bonecos negros pode levar a outros debates como: “O porquê de tão poucos bonecos de heróis negros e de princesas?” Acho que poderia levar a outras discussões e contribuições para a temática do que simples confecções que não conseguiram atingir objetivos críticos da realidade.

Em tese os projetos foram analisados e mesmo apesar de alguns pontos de conflito e de falta de debates já provam que o debate começa a se iniciar na escola, mais ainda se faz mais urgente que o assunto da raça seja mais amplamente introduzido dentro do ambiente escolar como uma forma de banir o preconceito e da percepção do quanto a cultura Afro-Brasileira e Africana é importante na nossa construção de indivíduos mais humanizados, e que promovam em nossas salas de aulas o crescimento de cidadãos que lutem pela desigualdade racial não compactuando com espaços onde o racismo seja alimentado.

Desenvolvemos em nossa pesquisa uma atividade sobre diversidade sexual em uma escola Estadual situada no centro de um dos municípios do Noroeste Fluminense do Rio de Janeiro, contando com um numero expressivo de alunos das mais diversas regiões do município. Foi ministrada uma palestra para alunos do terceiro ano do Ensino Médio abordando diversos temas dentro da área da sexualidade tais como: “A diferença entre sexo e gênero. Sendo sexo tudo ao que é referente às características físicas aos órgãos genitais e o gênero estão ligadas as produções sociais construídas historicamente.” Abordamos o tema das orientações sexuais desmitificando tabus e na

não progressão de preconceitos e estereótipos formulados por nossa sociedade contra toda a população LGBTs.

A prevenção de doenças também foi um ponto forte, salientamos que esta deve ser uma responsabilidade de meninos e meninas, e que devemos mudar o conceito que muitas vezes esta presente em falas que refletem o preconceito contra as mulheres, reforçamos o lugar da mulher na sociedade e que esta é dona do seu corpo e do seu desejo não o sujeitando a regras e tabus formulados por nossa sociedade em sua maioria patriarcal e machista.

No desenvolvimento da palestra tudo transcorreu de forma clara e objetiva tendo a participação dos alunos e a livre compreensão destes durante a mesma, intervindo com perguntas e curiosidades. O fato que nos chamou a atenção foi o total desconforto que alguns docentes da escola demonstraram ao ouvir a abordagem feita, revelando através de suas fisionomias espanto e o quanto a escola ainda esta longe de promover o debate acerca do tema do gênero. Percebemos que os professores mais espantados com o assunto e os que menos concordavam com abordagem eram docentes de forte formação religiosa algo que após a palestra foi registrado pelos alunos onde um dos professores durante sua aula dias depois reforçava preceitos e conceitos bíblicos sobre homem e mulher inteirando um coro de preconceito a classe LGBT.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo, Renato Nogueira (2008) em sua obra intitulada “Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza” ,

"O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais. E, por fim, realizar uma comparação dos modelos de conhecimento, do repertório, criando condições para a polirracionalidade. Minha base para romper com o racismo epistêmico está nas leituras do filósofo Dismas Masolo. É preciso analisar o objeto de conhecimento por ângulos diferentes, mas também por meio de modelos de racionalidade diversos. Isto certamente servirá para enriquecer nosso acervo cognitivo." (NOGUEIRA, 2008, p.20),

Consideramos dentro da pesquisa que mais uma vez é preciso que não sejam caladas as vozes na escola, é urgente e necessário que este debate de gênero adentre o espaço escolar em que as esferas religiosas entendam a laicidade da mesma, e que seja promovido um livre debate sem o enfoque religioso e moralista que por muitas vezes impede o avanço do conhecimento. É preciso um tempo novo na educação deste país onde determinados assuntos deixem de ser tabus. Essas são situações presentes no cotidiano e a escola tem o dever de orientar esclarecer e não reforçar o preconceito. Mas isto só será alcançado com a luta por uma educação não sexista de amplo diálogo com professores, orientadores e com os pais esclarecendo pontos e quebrando tabus moralistas.

### **3. REFERÊNCIAS**

BARRETO, Vicente. **Dicionário de Filosofia do Direito**. Editora Unisinos, Editora Renovar, 2006,

MONTEIRO, Rosana Batista. **Práticas Pedagógicas para ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena no Ensino Médio**. Sociologia, História, Filosofia e Geografia.(Orgs.)

NOGUEIRA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro, RJ, Pallas, 2015.

BARRETO, Vicente. **Dicionário de Filosofia do Direito**. Editora Unisinos, Editora Renovar, 2006,

VANCE, Carole. **A antropologia redescobre a sexualidade**. Physis, 5 (1995): 7 32.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.